

JORGE LUÍS BORGES, ENTRE O *SER DOCENTE* E O *SER ESCRITOR*: QUAL A  
TAREFA DAQUELE QUE CRIA AO ENSINAR? ALGUMAS POSSIBILIDADES  
DE ANÁLISE DO CURSO DE LITERATURA INGLESA

Graciane Cristina M. Celestino ( UnB )

Robson Coelho Tinoco ( UnB )

**Resumo:** Analisar as contribuições e a relação do discurso do escritor/docente Jorge Luís Borges, em seu *Curso de Literatura Inglesa*, e identificar como ocorreu a escolha dos textos ingleses que comporiam o curso, comparando-os com textos argentinos são os objetivos do trabalho que se apresenta. É analisado o ato da leitura como instância fundadora da criação literária tendo por aporte teórico Roland Barthes e Ángel Rama, abordando assim a relevância dos estudos literários na universidade argentina e sua importância na formação dos estudantes. A hipótese que se levanta é a possibilidade de discutir esse lugar descentrado, a apreensão no ensino de literatura das obras e o reconhecimento dos escritores, além de referendar as habilidades e competências leitoras. Serão utilizados, portanto os conceitos de *Transculturación*, *Literatura e Classe Social* para Rama (2001), que trata da possibilidade de o objeto da escrita passar a outro plano se integrando ao objeto, em um processo de ruptura, separação. A escrita como um ato de transculturación e a importância do fator classe social como algo independente do sujeito e de suas necessidades naturais de leitura. Em Barthes (2005) será utilizado o conceito de *Parábase*, em uma análise do papel de Borges enquanto docente no curso que ministrava, a *Memória-esperança* funcionava como um desejo, que indicava três modos de prazer literários diferenciados, *o prazer plenamente satisfeito da leitura, prazer da leitura atormentado pela falta* e *o prazer de escrever*. Nessa perspectiva serão indicadas algumas das análises e trajetórias literárias feitas pelos discentes e por Borges durante o curso.

**Palavras-chave:** Escrita. Leitura. Experiência leitora. Parábase. Transculturación.

### **Introdução**

O Curso de Literatura Inglesa de Jorge Luis Borges foram aulas gravadas por seus então alunos no ano de 1966, quando o autor era professor da cátedra de Literatura Inglesa e Norte-America, da Universidade de Buenos Aires, alguns dos estudantes não podiam assistir às aulas, pois trabalhavam no horário estabelecido, dessa maneira foram gravadas originalmente em fita magnética ( cassetes), logo depois esses estudantes transcreveram-nas.

A Argentina fervilhava com inúmeras mudanças políticas, posições e declarações do autor sobre essa atualidade repercutiam bem mais que seu trabalho literário. Na época Borges já era escritor eminente e dirigia a Biblioteca Nacional, mas até para os próprios alunos não era mais que um professor. O Curso de Literatura Inglesa trás uma inovação que não foi modificada, com a pressa em degravar não houve por parte dos estudantes esforços em modificar a linguagem, completar palavras, mudar informações, pois o que se percebe no livro é que as repetições e bordões estão intactos, em determinados pontos os transcritores fazem constar a textualidade das notas com a seguinte expressão: *é versão fiel*.

Uma das frases mais emblemáticas de Borges enquanto docente foi: *gosto muito de ensinar, sobretudo porque enquanto ensino estou aprendendo*. Nesse período seus olhos já se encontravam tomados pela cegueira progressiva, dizia que a cátedra era uma das felicidades que o restavam, fora aceito em 1956, quando teria sido escolhido por seus antecedentes, aja vista que nunca teria obtido um diploma universitário, mas era reconhecido em toda a Argentina por seus conhecimentos nas literaturas de Língua Inglesa, já que sua avó paterna Fanny Haslam era inglesa de origem, e graças a ela conheceu desde muito cedo os maiores clássicos da Literatura Inglesa.

Em 1955 teria sido designado diretor da Biblioteca Nacional, sua grande satisfação. O docente, Borges, dizia que gostava mais das aulas na universidade que das conferências, pois as aulas tinham uma continuidade de conteúdos, os estudantes que se interessavam pela aula participavam, havia um diálogo pleno sobre as informações que eram repassadas, apesar de não enxergar, ele afirmava que podia sentir o lugar que o cercava. Já nas conferências havia uma diferença muito grande, pois sabia que ao falar de Spinoza ou Berkeley, interessava mais sua presença que o conteúdo e nas aulas não era assim. A pretensão de Borges, mais que ser o professor era qualificar os estudantes, entusiasmá-los e levá-los à leitura das obras e escritores que o formaram enquanto leitor e escritor.

O Borges que durante as aulas só se referia à História quando o estudo das obras literárias do programa da universidade assim o exigia, a consciência de que ser professor de literatura é despertar para a leitura dos textos literários, nesse mesmo movimento ao falar dos autores, ele os coloca acima dos movimentos literários, citando Dickens, que afirma uma *comodidade* dos historiadores em não defini-los por suas

obras, mas por seu contexto histórico, essas características estruturais dos textos demonstram sua preocupação com a ruptura desse processo de transculturação em que os textos e suas apropriações eram incansavelmente analisados em comparação imediata com os textos argentinos, além de concentrar suas análises na trama das histórias e na individualidade dos escritores, compreende-se a imaginação criativa e sua experiência com a escritura, como o próprio Borges situa, e consta do livro *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*, em sua entrevista a Ronald Christ :

[...] Mas penso que toda a raiz do problema está no fato de que, quando um escritor é jovem, ele de algum modo sente que o que vai dizer é bastante tolo, óbvio ou lugar-comum, e então tenta ocultá-lo sob uma ornamentação barroca, por trás de palavras tiradas dos escritores do século XVII; ou, senão, se ele se empenha em ser moderno, então faz o contrário: fica inventando palavras o tempo todo, ou aludindo a aviões, trens ou o telégrafo e o telefone porque está se esforçando ao máximo para ser moderno. [...] De modo que acho que um escritor sempre começa sendo complicado demais: está experimentando vários jogos ao mesmo tempo. Ele quer transmitir um certo clima; ao mesmo tempo tem que ser contemporâneo, e, se não for contemporâneo, então será um reacionário e um clássico.

(CHRIST,1988, pág. 215-16)

Ou seja, esses conceitos de escritura e entrelugar linguístico e literário permearam toda a vida e obra de Borges, ao ser entrevistado ele deixa claro seu posicionamento em relação à narrativa e busca definir esse “ser no mundo” que o jovem escritor se apropria, assim como denota também seu respeito à alteridade do leitor. Em sua formação de leitor Borges desde a infância teve experiências variadas com a escrita, de acordo com o crítico inglês Harold Bloom:

[...]Em Borges, ouvimos a voz solitária de um elemento submerso no turbilhão, mas é uma voz acossada por uma plethora de vozes literárias que a precederam. “ Que glória maior pode ter um Deus, do que se ver livre do mundo?”é o brado de Borges, ao professar seu alexandrinismo. Se nos contos de Tchekhov existe um Deus, este não pode se ver livre do mundo – tampouco podemos nós. Mas para Borges, o mundo é uma ilusão, uma especulação, um labirinto, um

espelho que reflete outros espelhos.

Mais do que um exercício de autocompreensão, aprender a ler Borges é, necessariamente, uma questão de aprender a ler os seus predecessores.

(BLOOM, 2001, pág. 53)

Esse “exercício de autocompreensão”, descrito pelo autor pode ser compreendido como uma questão estética, uma arte que só se finaliza na escrita, ao reforçar a figura de autor que se deixa influenciar por outros e realça seu valor ao encontrar na memória do outro uma memória popular, e essas posturas se apresentam em sua formação e compreensão de mundo enquanto docente e escritor.

### **Apresentação dos capítulos/aulas do Curso de Literatura Inglesa**

Os textos do programa que foram destinados a Borges são aqueles com os quais se formou enquanto leitor e outros foram indicados por ele na concepção da bibliografia, com o desenvolver das aulas isso fica claro, seus comentários, relações, análises das obras, descoberta de alguns autores e as referências aos exames são mostras de seu encanto pelos autores. O curso se divide em 25 aulas, divididas assim:

- Aula 1 – Os anglo-saxões. A poesia e as Kennings  
Genealogia dos reis germânicos
- Aula 2 – O Beowulf. Caracterização dos germanos  
Antigos ritos funerários
- Aula 3 – O Beowulf. A valentia e a jactância: Beowulf comparado com os compadritos
- Aula 4 – O fragmento de Finnsburgh. A ode de Brunanburh.  
A tradução de Tennyson. Os vikings  
Anedotas de uma viagem de Borges a York
- Aula 5 – A balada de Maldon. Poesia cristã  
O hino de Caedmon. O alfabeto rúnico  
Características das elegias anglo-saxãs
- Aula 6 – Origem da poesia na Inglaterra
- Aula 7 – Os livros escritos por Deus
- Aula 8 - Resenha histórica até o século XVIII

- Aula 9 – Raselas príncipe da Abissínia de Samuel Johnson
- Aula 10 – Samuel Johnson visto por Boswell
- Aula 11 – O movimento romântico. Vida de James Macpherson
- Aula 12 – Vida de William Wordsworth
- Aula 13 – Vida de Samuel Taylor Coleridge. Um conto de Henry James
- Aula 14 – Últimos anos de Coleridge
- Aula 15 – Vida de William Blake. O poema The Tyger
- Aula 16 – Vida de Thomas Carlyle. Sartor Resartus, de Carlyle
- Aula 17 – A época vitoriana. Vida de Charles Dickens
- Aula 18 – Poemas de Robert Browning
- Aula 19 – Poemas de Robert Browning  
Uma conversa com Alfonso Reyes
- Aula 20 – Vida de Dante Gabriel Rosseti
- Aula 21 – Poemas de Rosseti
- Aula 22 – Vida de William Morris. Os três temas dignos da poesia
- Aula 23 – As sagas da Islândia
- Aula 24 – Vida de Robert Louis Stevenson
- Aula 25 – Obras de Robert Louis Stevenson

Nas aulas pode-se observar que o professor Borges não costuma analisar os versos ou textos mais famosos dos autores, seu tratamento é em geral com os textos que mais o impressionaram enquanto leitor, sua perspectiva enquanto professor é também de leitor. Em suas aulas e na obra literária busca mencionar esse fato, com essa preparação ele também conquista o interesse dos estudantes. Em um dos seus argumentos relacionados às escolas de crítica literária, Borges busca acentuar o caráter humano e individual da obra, além de durante suas aulas narrar circunstâncias vitais para que cada um daqueles artistas escrevesse, o que se fazia presente em uma crítica recheada de humor e ironia muito típicos de sua escrita literária.

Para estabelecer relações plausíveis entre os textos literários ele explora temas como o da jactância e valentia em Beowulf, realiza comparações com os compadritos portenhas do início do século e recita inúmeras estrofes. Cita detalhes como as concepções das cores na poesia anglo-saxã, grega e celta, compara batalhas, por exemplo a batalha de Brunanburh com a batalha de Junín, em que seus avós foram

heróis de guerra. Em suas análises dos textos se abandona à narração fluída, por muitos momentos esquece o papel de professor e se torna um narrador oral.

Em comparação ao *Literatura Inglesa* de Anthony Burgess, o que se pode perceber é que Borges se debruçou sobre a experiência leitora, aquela que comporta a palavra, que vai além de seus limites e a torna parte da experiência com a escrita, pertence ao ato de inscrever-se no mundo, de pertencimento à arte literária e sua dimensão, ao referir-se à leitura e escrita como atos precípuos de formação do caráter educativo da Literatura, é preciso também “ Olhar a literatura na sua condição de linguagem, em interface com outras expressões culturais.” ( KRIEGER; SCHOLLHAMMER, 2003, p. 69).

O ato de grafar-se, envolvendo a ação e a reflexão leitoras sobre o processo, a reflexão sobre o literário e as identidades simbólicas que são apresentadas, é um dos pontos de convergência da escrita assim como da docência de Borges. Essas práticas sociais, culturais e leitoras não podem ser dissociadas. A reavaliação de processos de significação do literário é fundamental para a apreensão. Para Roas “a experiência coletiva da realidade mediatiza a resposta do leitor: percebemos a presença do impossível como uma transgressão do nosso horizonte de expectativas em relação ao real” ( 2014, p.93). Essa experiência com o lido, escrito, ou ouvido, modifica as percepções do que se escreve e como se lida com essa escritura. Em consonância Foucault dirá que, ocorre um momento de metamorfose do próprio escritor.

### **Relação Leitor - Narrativa**

Segundo Barthes, cada sistema literário é uma combinação de unidades, nesse sentido o que é escrito reflete a sociedade, individual ou coletivamente, em que faz parte um todo, ou aquele que escreve, sendo esse de fundamental importância para comunidades que dependem de um sistema escrito. Jorge Luís Borges compreendia essa relação leitor – narrativa, e ao se dedicar à docência buscou também refletir sobre si e sobre questões filosóficas em suas aulas, que mais tarde também seriam objeto de textos por ele escritos.

A narrativa, segundo Roland Barthes “ é uma peregrinação que começa; como um caminho iniciático: coisas que devem ser superadas ” ( 2005, p. 97). Essa

peregrinação informa o caminho, a superação, a sublimação. E nesse sentido, se configura em uma transposição narrativa, Arrigucci Jr (1999) cita a maneira como a expressão artística se abre a uma constante reflexão sobre a escrita. A linguagem não se limita à literatura e nem vice-versa. Ambas estão em um momento de corroborar provas de que há um funcionamento que participa sua compreensão geral no campo social de interação. Jouve compreende o processo de ensino-aprendizagem de literatura como uma extensão de relações interpessoais, e uma atividade consciente e sistemática centrada no estado atual da produção de conhecimento, pois o mesmo apresenta-se como processo racional.

O que pode ser analisado na experiência leitora de Borges é como sua imbricação resulta do processo de escrita. A linguagem para Foucault, “ produz sem parar novos objetos, faz emergir a luz e a sombra, faz rachar a superfície, desarruma as linhas” ( 2009, p. 181) essa linguagem que remete a totalidades impossíveis, a atos de imersão, produção, lembra como a força da narrativa memorialística seleciona aquilo que será ou não registrado. Ou seja, os formatos de narrativa que perpassaram a obra de Borges, tanto as que o escritor considerava indicativas dos registros narrativos de si, quanto as o docente Borges considerava que se entregavam àquelas sensações de um país ainda em desenvolvimento de sua identidade. Segundo Chiappini; Aguiar, os signos na narrativa borgeana são uma derivação da força que denotava nos contos que conferem à escrita de Borges um caráter emblemático e ambíguo.

Segundo Dalvi; Rezende; Jover-Faleiros, a identidade leitora pode ser compreendida como mutável, tendo por ponto chave, o momento histórico, econômico, social e cultural e a necessidade de cada sujeito. Essas identidades são baseadas no sentimento de pertencer a um grupo, ou comunidade, e até mesmo de construção de conhecimentos, ocasionando mudanças em relação à leitura e cultura literária ( 2013, p.18) .

Barthes explica esses sinais de desuso, como uma crise que a literatura vivencia, sendo eles muito subjetivos e reafirmam essa tradição anterior, podendo assim mantê-la viva, pulsante “durante pelos menos duzentos anos, a literatura: uma grande estrutura hierarquizada de figuras, maiores, menores, etc.; todo intelectual ( “engajado”) era consubstancialmente um Escritor” ( BARTHES, 2005, p. 308).

## **Conclusões finais**

O Curso de Literatura Inglesa possui elementos distintivos para a leitura, além de ser uma composição indistinta do ato indispensável à escritura, pois é por meio da experiência leitora que o Borges que conhecemos, construiu e selecionou cada um de seus escritos, assim como foi por meio de sua experiência leitora que abordou cada uma das 25 aulas que ministrou e foi além disso, em aulas particulares, na Biblioteca de Buenos Aires a um pequeno grupo de alunas, foi esse movimento que tornou capaz o texto, a leitura, releitura, escrita e a docência em Borges.

Barthes explica esses sinais de desuso, como uma crise que a literatura vivencia, sendo eles muito subjetivos e reafirmam essa tradição anterior, podendo assim mantê-la viva, pulsante, “durante pelos menos duzentos anos, a literatura: uma grande estrutura hierarquizada de figuras, maiores, menores, etc.; todo intelectual ( “engajado”) era consubstancialmente um Escritor” ( BARTHES, 2005, p. 308).

### **Referências Bibliográficas**

ARÍAS, Martin; HADIS, Martin. **Curso de literatura inglesa / organização, pesquisa e notas**; tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**; texto estabelecido e anotado por Nathalie Léger; tradução Leyla Perrone-Moisés. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland, 1915-1980. **A preparação do romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979/1980/ Roland Barthes**; texto estabelecido e anotado por Nathalie Léger; tradução Leyla Perrone-Moisés. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland, 1915-1980. **Diário de luto: 26 de outubro 1977 – 15 de setembro de 1979/ Roland Barthes**; texto estabelecido e anotado por Nathalie Léger; tradução Leyla Perrone-Moisés. – São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. **Na sala de Aula, caderno de análise literária**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

DALVI Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.) **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.



FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France; pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Loyola, 1996.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?/ Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores.** – São Paulo: Parábola, 2012.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik ( org.). **Literatura e Cultura.** Rio de Janeiro. Ed: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

WILLIAMSON, Edwin. **Borges: uma vida / Edwin Williamson; tradução Pedro Maia Soares.** 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**Ángel Rama/organização Flávio Aguiar & Sandra guardini T. Vasconcelos; tradução Raquel La Corte dos Santos, Elza Gasparotto.** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. – ( **Ensaio latino-americanos;6**)

BLOOM, Harold. **Como e por que ler/ Harold Bloom; tradução José Roberto O’Shea.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**Os Escritores: as históricas entrevistas da Paris Review/ [ seleção Marcos Maffei]; tradução Alberto Alexandre Martins, Beth Vieira.** – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.